

# CLÓVIS MONTEIRO

MÁRIO LINHARES

Repercutiu dolorosamente, como nota de grande tristeza, nos círculos universitários e intelectuais do nosso país e, particularmente, do Ceará, a morte, ocorrida, no dia 13 de setembro de 1961, no Rio de Janeiro (GB), do eminente professor Clóvis do Rêgo Monteiro.

Foi, realmente, uma perda imensa o desaparecimento de tão ilustre mestre, figura das maiores do magistério nacional.

Clóvis Monteiro nasceu nesta capital a 10 de setembro de 1898, sendo filho de Adolfo Thiers do Rêgo Monteiro e de Júlia Rodrigues Monteiro, irmã da festejada escritora e acadêmica Alba Valdez.

Orfanado de pai, teve muito cedo de lutar àrduamente pela vida. Assim, aos 15 anos, começou a trabalhar na redação do — “Unitário” — órgão do famoso jornalista João Brígido dos Santos, substituindo seu irmão Mozart Monteiro, que, em busca de um meio de melhores possibilidades, saíra para o Rio de Janeiro, onde se fizera jornalista, escritor e emérito professor de História da Escola Normal (Instituto de Educação) e do Colégio Pedro II.

Por outro lado, o jovem estudante lecionava, em aulas particulares, as matérias que ia aprendendo. Com admirável força de vontade, dir-se-ia que escalava penhascos para atingir

o cimo alcantilado das suas nobres aspirações, conseguindo posição de realce entre os rapazes de sua geração. No ardor da pugna heróica, tinha a alma iluminada de sonho e de poesia, fazendo versos de alta sensibilidade lírica. Não reuniu em volume o melhor das suas composições poéticas, mas no livro de Sales Campos, "A Poesia Cearense no Centenário" (1922), há uma boa porção delas. Ali é que os historiadores literários vão abeberar-se.

Poeta, jornalista e filólogo, Clóvis deixou bem assinalados os aspectos dessas atividades mentais, sendo que a de professor do nosso idioma teve singularíssimo relêvo, pela profundidade com que penetrou nos meandros da nossa linguagem.

Em 1927, a convite de Mozart Monteiro, mudou-se para o Rio, conquistando sucessivamente, através de rumorosos concursos, as Cátedras: — de Português das Escolas Técnicas do antigo Distrito Federal, em 1928; de Literatura da Escola Normal (depois Instituto da Educação), 1930; e de Português, do Colégio Pedro II, 1936. Lente Catedrático, também da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (GB); da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do Instituto Lafayette, e da Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula. Além de inúmeras escolas particulares onde derramava o brilho do seu saber.

No primeiro daqueles concursos, teve de enfrentar 38 concorrentes, obtendo o 1º lugar.

Pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1926, formou-se, sendo o orador de sua turma.

Sem qualquer favor foi mestre insigne da nossa língua, que estudou com denôdo e paixão.

Dirigiu o Internato do Colégio Pedro II por dez anos, donde se afastou para ocupar o cargo de Secretário-Geral de Educação e Cultura do ex-Distrito Federal. Também, diretor do Externato, até pouco antes de sua morte.

Entre as suas obras literárias e filológicas, devem ser destacadas as seguintes: "Português da Europa e Português da América"; "A linguagem dos Cantadores"; "Morfologia e Sintaxe do Substantivo da Língua Portuguesa"; "Nova Antologia

Brasileira”; “Fundamentos Clássicos do Português no Brasil”; “Ortografia da Língua Portuguesa” — uma explanação perfeita na Poesia Brasileira”. Deixou inédito sua última obra: Esboço de História Literária, que será brevemente editada.

Sem descer a falar, particularmente, sôbre cada um desses livros, diga-se de passagem, por exemplo, que há em — “Ortografia da Língua Portuguêsa” — uma explanação perfeita desse controvertido problema, que deita luz completa na confusão de muitos que não se afizeram às novas regras, presos aos preconceitos clássicos, renitentes em aceitar os postulados modernos, como consequência de natural evolução. O caso é tratado com a firmeza e o equilíbrio de quem é dono do assunto, pelo estudo tenaz e penetrante dos fenômenos idiomáticos. Os outros livros seguem a mesma sábia orientação e cada um de per si forma repositório de lições preciosas.

Para Clóvis, o magistério constituiu um verdadeiro sacerdócio, tal a alta noção que tinha da importância do ensino e da cultura como elementos construtivos dos destinos humanos. O educador compreendeu a magnitude do seu apostolado, certo do transcendente alcance da sentença de Vitor Hugo de que — “Abrir escolas é fechar cadeias”. — Foi uma existência de trabalho, de entusiasmo e idealismo, plenamente realizada, com os intrínsecos atributos de um homem moral e intelectualmente bem formado. Foi daqueles para quem ensinar era rezar, pedindo a Deus a centelha divina para iluminar cérebros e corações, espíritos e consciências.

Por ocasião do seu sepultamento, no cemitério São João Batista, foi alvo das mais carinhosas homenagens por parte dos nossos meios culturais. O féretro saiu do Externato Pedro II, onde o corpo estêve exposto, proferindo seu diretor, Cândido Jucá (filho), palavras de exaltação à figura do Morto como erudito e educador. À beira do túmulo, falaram os professores Rocha Lima, presidente da Congregação do Colégio Pedro II, e Alcântara Gomes, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro. Além das autoridades federais e estaduais do setor da Educação, compareceram professores de quase tôdas as Faculdades da Guanabara. Personalidades des-

tacadas da sociedade carioca renderam-lhe unânime culto de saudade, sobressaindo, entre outras, os Prefeitos, Generais Mendes de Moraes e Dulcídio Cardoso.

O Ceará foi representado pelos membros mais expressivos da sua Colônia, com a manifestação profunda de dor pelo desaparecimento de um dos seus filhos mais ilustres.

No Senado Federal, em sentida oração, o Senador Fernandes Távora enalteceu-lhe as virtudes preclaras, fazendo o retrospecto dos lances incisivos das suas ásperas lutas e brilhantes triunfos ao longo de uma existência caldeada nos propósitos mais elevados, sem perder o frescor lírico da sua alma de poeta como se vê no seguinte soneto:

P R E C E

*Rebento de meu ser, alma nascida  
De duas almas a quem Deus juntou,  
Tornando-as uma só, numa só vida,  
Até que, cega, a morte as separou.*

*Por minha mão te viste conduzida,  
Fazendo-me mais forte do que sou,  
A essa casa de Deus, casa querida,  
Onde também meu coração ficou.*

*Por ti, por teu Amor, agora, certo,  
A jornada farei com menos custo  
Pois, me sinto de Deus muito mais perto.*

*E, orando ao céu, suplico, em doce tom:  
Não me falte a alegria de ser justo  
Nem, também, a alegria de ser bom.*

A nossa Academia, que tem em alta conta os merecimentos comprovados de Clóvis Monteiro, associa-se, muito cordialmente, às homenagens que lhe foram prestadas, com o mais vivo sentimento de justiça à sua inesquecível memória.